

O paradigma epistemológico africano em questionamento

Heuler Costa Cabral

Graduando em Humanidades - UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

RESUMO

O objetivo desse trabalho consiste, por um lado, em questionar a construção do paradigma epistêmico em África e a busca de melhoramento do mesmo, e em mostrar, chamar atenção e questionar sobre as sombras eurocêntricas nessa construção, sendo que devido o relacionamento de África com o ocidente no passado e na contemporaneidade, o modelo do saber africano não podia de isentar das influências eurocêntricas, pois isso dificulta no “desenvolvimento” cultural e na “enquadrabilidade” mental do indivíduo com a realidade. Visto que essa ligação do processo histórico, principalmente, o colonialismo continua a ter uma certa influência nos modos de interpretar a realidade nesse continente. Conquanto na África se procura construir um paradigma “específico africano”, a globalização continua a reproduzir e impor um tipo de paradigma hegemônico eurocêntrico. A partir desse olhar, acredita-se que é sempre necessário questionar a epistemologia africana para que não fica nem tão pouco vazia de reflexo da sociedade africana. O trabalho é realizado com base na pesquisa bibliográfica, textos escritos pelos alguns autores africanos e outros, que de certo modo, trazem argumento importante para tentar compreender esse fenômeno.

PALAVRA-CHAVE: Paradigma epistemológico africano, armadilha eurocêntrica, questionamentos

INTRODUÇÃO

A emancipação da epistemologia africana é o cerne dessa discussão que se segue. Depois das independências conquistadas de vários países africanos, nos anos 50 a 70, o continente se defrontou com novo panorama mundial, marcado pelo novo sistema de dominação, “a globalização”.

No campo político e econômico, a globalização tem propondo um pensamento único. No campo científico ou dos saberes essa tem adotada um paradigma único de conhecimento (CARDOSO, 2011). Com este sistema, particularmente, os conhecimentos africanos vão ser impregnados e condicionados pelo eurocentrismo.

A modernização e globalização são processos, porém, que “encara nas suas logicas os dois primeiros sistemas (escravismo, e colonização) de negação do outro enquanto ser com a sua cultura, com seu modo de existir e com sua cognição própria.

A África, é claro, defronta várias crises sociais (ELA, 2013), no entanto, percebe-se que um modo dos saberes particular a este continente pode envolver num diálogo sereno a busca de solução para desarraigamento dessas crises. No nosso entender, para ter uma epistemologia ética (que respeita a demanda da realidade) em África, é preciso questionar o nosso passado e atualidade e sobretudo questionar as nossas próprias produções dos conhecimentos, isto é, interrogar do que estamos produzindo sobre o continente.

Este artigo baseia nas análises dos textos dos alguns intelectuais africanos (não só) que discutem a questão de rompimento epistemológica eurocêntrica e “endognização dos saberes locais”, que permitirá um melhor conhecimento da realidade dessas sociedades.

ORQUESTRAÇÃO EPISTÊMICA EM ÁFRICA

O que chamamos de orquestra tem a ver com a pertença imposição do conhecimento ocidental sobre a África. Nesta vou tratar de quatro conceitos fundamentais que marcam destaque na sufocação epistêmica africana: o escravismo, o colonialismo, a modernidade e a globalização. A orquestra epistemológica se dá a partir de dominação cultural, religiosa política e educacional nas duas primeiras fases de aprisionamento do saber: *escravatura* e sobretudo o *colonialismo imperial*.

A *escravatura* é negação da existência do corpo do outro, mas é acima de tudo, a negação da sua alma, retirada de possibilidade de pensamento sobre si, de produzir cultura, de organizar a vida cotidiana, de engendrar conhecimento sobre si, enquanto é tido como mercadoria, objeto para alcance do lucro.

O *colonialismo*, porém, é logicamente a continuação do escravismo, continuação de negligencia do outro colonizado, invasão e exploração do seu recurso. Nesta, o colonizado para ser considerado um ser precisa de se assimilar a cultura do colonizador, (MBEMBE, 2014). A cultura do colonizador é ensinada, ela está nos livros, e na pedagogia diária, etc. A *modernidade* nega qualquer diálogo com as praticas sociais e culturais ditas “tradicionais”, as práticas sociais

dos “não-seres”, os colonizados, aliás, a modernidade é a justificativa da colonização. Indo mais longe ainda, a modernidade (no sentido eurocêntrico) é um “sucesso no salto” do tempo anterior a ele, tempo de barbárie; é um fugitivo de seu concebido “oposto”, a tradicionalidade GOMEZ (2005), mantenedora e transportadora da razão escravocrata-exploratória-civilizacional.

Ainda GOMEZ (2005, 84) “[...] a modernidade é a máquina geradora de alteridades que, em nome da razão e do humanismo, exclui de seu imaginário a hibridez, a multiplicidade do centro do mundo”, ou seja, a submissão do mundo a um conhecimento centro-homogêneo. Chamamos da *globalização* a outra face da modernidade, ou como Gomez prefere designa-la a pós-modernidade onde o sistema mundo continua operando a favor das minorias, os antigos colonizadores, mas também de “novos colonizadores capitalistas que só têm a ganhar dos pobres a qualquer custo”.

A sujeição ao sistema-mundo já não assegura mediante o controle sobre o tempo e sobre o corpo exercido por instituições como a fábrica ou o colégio, e sim pela produção de bens simbólicos e pela sedução irresistível que estes exercem sobre o imaginário do consumidor. O poder libidinoso da pós-modernidade pretende modelar a totalidade da psicologia dos indivíduos, de tal maneira que cada qual possa construir reflexivamente sua própria subjetividade sem necessidade de opor-se ao sistema. (GOMEZ, 2005, p.84-85).

Ou simplesmente no que BAUMAN (1999) convém chamar da modernidade líquida, a globalização. Por que a modernidade líquida? Na modernidade propriamente dita

a força militar e seu plano de guerra de “atingir e correr” prefigura, incorpora e pressagia. O que de fato está em jogo no novo tipo de guerra na era da modernidade líquida: não é a conquista de novo território, mas a destruição das muralhas que impediam o fluxo dos novos e fluidos poderes globais; [conquista do liberalismo capitalista, e fluxos de poderes globais] (BAUMAN, 1999, p.19).

“A elite global contemporânea é formada no padrão do velho estilo dos “senhores ausentes”. Ela pode dominar sem se ocupar com a administração, gerenciamento, bem-estar, ou, ainda, com a missão de “levar a luz”, “reformular os modos”, elevar moralmente, [...] (BAUMAN, 1999, p.20).

Mas quem ganha com essa nova forma de poderes? São países que passaram por grave processo de colonização? O poder global é sustentado pela acumulação primitiva de capital, pela construção e legitimação cultural ocidental em detrimento das antigas colônias. O fato é que a produção do conhecimento não é tão longe do sistema vigente, nem da segregação ocorrida no “continente africano”. O sistema-mundo é a própria conservador da distinção dos saberes modernos/tradicionais, da filosofia/não filosofia, da ciência/não-ciência, enfim do conhecimento legítimo e não legítimo. São formas de submissão epistemológicas. Epistemicídio.

Na verdade o que queremos mostrar é que a globalização, o nosso tempo atual, não é um fenômeno aleatório, ele é herdeiro e que se constitui a partir do projeto imperial, e as estruturas epistemológicas ocidentais estão desde sempre, no cerne desse projeto. A epistemologia africana, por conta desses sucessivos

“colmos” e da necessidade de mudança que a África” tem, deve-se questionar sempre que possível sobre as sombras eurocêntricas no paradigma do conhecimento africano, muito embora não se trata de ignorar sem reserva os saberes eurocêntricos, mas sim entende-los, democratiza-los e africaniza-los.

DESENFETIZAÇÃO EPISTEMICA

O processo de conhecimento (científico) ele também é imperial. Se diz: a “ciência é livre de ideologia”. Essa ideologia é a ideologia da própria ideologia (DUSSEL, 1977, p.171). Esse imperialismo radicaliza, é obvio, na dominação colonial, e hoje ele é resultado desse processo longo que tende se tornar um sagrado, inquestionável, que chamamos de feitiço epistemológico. Para desenfeitar a epistemologia em África é preciso correr a traz do tempo. Dá para tentar ver no mais longo possível os tempos que nos antecedem? As raízes da construção epistêmica que se diz livre da ideologia? O tempo que se move, escrito por MBEMBE (2015), nos permite questionar o passado e dá para nos inteiramos da situação epistemológica em África e quais esforços que precisam ser dados.

O passado jamais deve ser compreendido como tal, como coisa passada, que não serve jamais. Este é a própria compreensão do tempo eurocêntrica, o tempo-flecha (linear). O tempo se move, mas no seu movimento não consegue deixar por traz todos fatos que ele carrega. Arrasta e descarrega os outros.

Os acontecimentos, principalmente, os grandes eventos históricos não devem ser compreendidos como se fosse “agua num recipiente, quando derramar, já não tem como” é só procurar outra. Não. A pessoa nasce já encontra a cultura no mundo, e essa cultura tem história, a sua experiência no mundo se embasa nessa cultura, por isso não tem como negar ou abandonar o passado MBEMBE (2015). Para este autor a concepção sobre a África desde escravidão, colonização, muito embora pode haver alterações nessa concepção, mas o fato é que ainda está viva: os conhecimentos, dos livros, dos jornais, por exemplo, são ainda mantidos ou reproduzidos na ou sobre a África. Biblioteca imperial, colonial, de não alteridade moderna continua assombrar ainda esse continente, e se reproduz (CARDOZO, 2012). O interessante é ressaltar que a dominação colonial de ocidente sobre a África é uma exploração econômica, silenciamento das práticas culturais e linguística, mas é sobretudo, a imposição de um sistema epistêmico redutível ao Europa. Por isso argumenta WIREDU, (1998.):

Colonialism was not only a political imposition, but also a cultural one. Gravely affected, or even perhaps infected, were our religions and systems of education. I will address the question of religion later, but I want directly to notice an aspect of the system of education introduced by colonialism that is of a particular philosophical relevance. It consists in the fact that education was delivered in the medium of one foreign language or another. (p.18)

As ciências sociais, por exemplo, desde início são carregadas dos conceitos negadores dos saberes para além da Europa. As produções dos conhecimentos, sobre os colonizados serviam como instrumentos da

hierarquização e rejeições étnicas-culturais (GOMEZ, 2005). Conforme CARDOSO:

As ciências sócias, tal como foram concebidas no ocidente e introduzidas em África, rejeitaram a interpretação da África enquanto continente civilizado, sobretudo a de um sujeito capaz de pensamento autônomo. A construção do conceito e sua aplicação no continente estavam impregnadas do discurso racial colonial de alteridade. Nessa conceptualização, domínios como a arte, a música, a religião, a educação, a história, a filosofia, as línguas e as ideologias foram completamente excluídos porque não correspondia a grelha antropológica ocidental. E tudo o que não correspondia a esta grelha era considerado bárbaro, selvagem, primitivo e, nas melhores das hipóteses, tradicional, este discurso serviu ao mesmo tempo para justificar a escravatura e o colonialismo. (2012, p.28)

O colonialismo ocorreu em toda vertente de “cerceamento”, ou “silenciamento” e “dominação” de capricho cultural ocidental sobre a cultura africana. De repetir que este fato inevitavelmente, mesmo com as independências dos países africanos continua a existir certo de tipo dominação. O próprio africano diante de realidade colonial, mesmo como ausência do colonizador ele é capaz auto segregar, ou se perde estima. Acredita-se que o que a epistemologia africana deve privilegiar é como produzir conhecimento pra lavagem cerebral. Desenfeteizar é questionar as epistemologias “dogmáticas”, é recorrer ao tempo passado dessas epistemologias, mostrar suas similitudes com esse projeto homogeneizador.

O TRADICIONALISMO

O tradicional/moderno segundo (ELA, 2014) é um dos problemas muito forte na África e que continua a dificultar a maneira de percepção da realidade na África. O primeiro sempre entendido como estágio anterior que fica para traz antes do segundo, uma percepção que o colonialismo e a nova era vem trazendo no mundo e introduzidas nas mentes periféricas. O entendimento de que a África não pode desenvolver sem quebrar a tradição é falsa. Precisamos de dizer em nossas epistemologias uma única palavra que isso é mentira. Deve se trazer a tradição no cerne da epistemologia. Mas não pode haver o desenvolvimento sem liquidar o dito tradicionalismo? Nunca é possível existir diálogo entre esses dois inventários interpostos? Se na África isso não é possível é melhor pedimos os detentores da modernidade para nos ajudar a moderniza-se.

Para nós, o tradicional tal como concebido por MACAMO (2001) não é oposto da modernidade igual a concepção ocidental. Pois todo mundo tem a tradição. Mas o tradicionalismo neste campo do saber é principalmente o fenômeno da ritualização, percepção de mundo por meio dos fenômenos sobrenaturais, relações sociais e com o mundo nos cânones metafísicos, etc. a tradição não é coisa parada no tempo, ele muda e ganha outros contornos. Ele também define relações políticas e econômicas e constrói a mentalidade, mas o tradicionalismo vai mais além do que definimos aqui. Ele constitui ordem social na África. O que produzimos sobre dita tradição, como vamos produzir?

De fato o tradicionalismo marca a realidade africana e mistura com a modernidade, o problema deve ser visto como intercruzamento não eliminação de nenhum das ambas categorias. São por exemplos outros fatores de tradicionalismo que merecem ser conhecidas: “As logicas de linhagens, as práticas de economia ostentativa ligadas aos ritos do nascimento e do casamento, problema de família alargada, os rituais da morte e dos funerais, o regresso em força do irracional e as crenças astrobiológicas” (ELA, 2014, p.38), os fenômenos de possessão e os cultos de cura. O que se propõe é que o tradicionalismo deve estar no centro de produção e de discussão epistemológica na África, não importa tanto quão moralidade e imoralidade ele tem para a África, mas exige conhece-lo porque é a constituição da realidade que proporciona o pensamento. O modernismo hegemônico não deve ser reconhecido na África como tal, mas como parte de um todo da realidade africana, pois deve ser africanizado e democratizado, isto é, deve ser estudado, discutido e compreendido na linha horizontal com outros fenômenos dos constituintes da realidade africana.

Mas acima de tudo, ignorar ou desprezar de colocar o tradicionalismo em discussões epistemológicas em África pode ser um benefício de dúvida à ignorância hegemônica moderna, e um *continuum* de “*co e neocolonial*”. De fato o paradigma de conhecimento africano deve privilegiar a imbricação de relação entre as tradições e fenômenos globais, entre as tradições e modernismo e entre tradição e o colonialismo, sem perder de vista de que o objetivo é o que podemos aproveitar para desraigar os problemas sociais que a África enfrenta.

EMANCIPAÇÃO EPISTÊMICA

A partir do que apresentamos nos dois itens acima, agora veremos do que alguns autores pressuponham para construção duma epistemologia apropriável aos povos da África. A África para construir seu modelo ético epistemológico, primeiro deve-se livrar da dominação epistêmica eurocêntrica, e no seu cerne deve se instalar os saberes endógenos, a produção do conhecimento deve partir de África e para África e pelos africanos, (MENESES, 2016; CARDOSO, 2011)

Para KADJIBANGA e PIMENTA (2011) os estudos africanos têm que ser a centralidade institucional africana, pois o funcionamento deve ser em rede – *interdisciplinaridade e interculturalidade*. A interdisciplinaridade possibilitaria o intercambio dos problemas de diferentes áreas do conhecimento na África, cujo objeto de estudo é próprio continente. Da mesma forma a interculturalidade permitiria reunir diferentes culturas, no que convém chamar um hibridismo cultural positivo, que pode trazer um ambiente que permitirá reerguer novas práticas culturais para construção dum homem melhor, uma vez que vai proporcionar a congregação das diferentes realidades africanas.

Realça-se esse fato com a ideia de CARDOSO (2011), para quem a construção duma universidade Pan-africana (UPA) será uma alternativa para pluralizar as práticas científica sociais ou humanas e produção dos saberes em África. De fato, a UPA, porém, aumentaria a construção não da epistemologia, mas das epistemologias africanas. Essa universidade seria aquela que vai permitir os jovens como futuros defensores e construtores do continente,

conhecerem a própria realidade de cada povo africano e verão como poderão muda-la. Retomamos *KADJIBANGA e PIMENTA (2011)*, os estudos africanos devem obedecer alguns princípios fundamentais:

A sua agenda temática deve conter os grandes debates epistemológicos da atualidade em África. Só assim se insere adequadamente num conhecimento para ação, para transforma-la; A sua estrutura principal tem de ser constituída por cientistas e filósofos africanos preocupados com valorização dos saberes endógenos num processo de transformação da sociedade. [...]. Concomitantemente tem de encontrar formas de participação que permita um intercâmbio de saberes, uma partilha da terminologia disciplinar, uma contaminação de problemáticas e metodologias, uma sistemática reconstrução dos objetos de estudo e um trabalho de síntese. (2011, Pag. 18.)

Conduto, é relevante realçar uma coisa. Como podemos notar que existe a preocupação dos intelectuais africanos sobre a situação do saber em África. alguns autores realçam que apesar de grandes esforços entabulados esforços para melhoramento de produções de conhecimentos autóctones, como no caso de criação de CODESRIA (1974, Cirne, 2016), como também surgimentos dos novos intelectuais inquietados com o atraso de desenvolvimento do continente, principalmente a partir de 1980, e há de reconhecer que existe um grande avanço na produção do conhecimento e da construção da epistemologia desejável, mas também nota-se em alguns estudos de que mas pendura ainda muito para fazer para que isso possa tornar numa realidade concreta (VALDEZ 2008, HOUTONDJI, 2008, CARDOSO, 2011, ELA, 2014). Porém, até 2016 Meneses mostra quais deviam ser o tipo de produção do conhecimento (endógena) nas universidades africanas, isso mostra que há ainda mundo para realizar.

Por esse fato, a epistemologia africana deve sempre estar em questionamento assim que ela possa ganhar contornos próprios. Epistemologia é o diálogo da pessoa com a realidade, o conhecimento, até certo ponto, se extrai do vivencia social, portanto o saber propicio da África é um caminho para alcance do bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo que se move de Mbembe pode ser entendido aqui como um ônibus que tem ligação destas “cidades”: a escravidão, O colonialismo, a modernidade e a globalização. Essas são as respectividades que devem ser entendidas, e que nelas insiram vários elementos que, ora entram, ora saem, e outros continuando suportar o projeto imperial, e dentre esses elementos se figura a molde de conhecer, a epistemologia. A origem de orquestra dos saberes africanos é o escravismo e ampliando depois. A hegemonização do sistema ocidental se passa por esse processo, e tende se tornar algo inquestionável. Afinal, a ciência também como religião se dogmatizou (GOMEZ, 2005). Mas ela não é mais do que produto humano, por isso é infalível de tendências. Esta é questionamento epistêmico.

Verificou-se a persistência da biblioteca colonial, e isso não deixa de ter influencias nos poderes de produções dos conhecimentos na África, portanto, as epistemologias africanas deve-se submeter sempre a um processo de verificação. Deve-se exigir sempre uma produção de conhecimento

comprometido com o povo africano. Tirar o conhecimento africano onde se encontra é o que chamamos da emancipação epistemológica. Inserir massivamente os estudos tradicionais no paradigma epistemológico africano é uma vantagem para *desempoderar* a modernidade e democratizar os modos de saberes. Negar a tradição, duma certa forma, é negar a África. Vale ressaltar que, o que está em jogo não é questão de negar ou desconsiderar a contribuição da epistemologia ocidental, mas sim questionar o eurocêntrismo, ou *ocidental-centrica*, – *mostrar* que isso não tem a primeira validade para África. Para africanos, a priori, o interessante é epistemologia africana, a epistemologia-europeia para Europa, a epistemologia americana para América, etc. e para o mundo vale conhecimento de todos. Isso só para vos mostrar até que ponto pretendemos questionar a epistemologia africana.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Carlos. **Da possibilidade das ciências sociais em África**. In: Silva et al. Como fazer ciências sociais e humanas em África: Questões epistemológicas, metodológicas, teóricas e políticas. CODESRIA, 2011.

CIRNE, Michelle. **A produção de ciências sociais no continente africano e a agência do CODESRIA**. USP, 2016.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**. 1977. Disponível em: <https://bit.ly/2QfOsl9>. Acesso a 05/09/2018

ELA, Jean-Marc. **Restituir a História às Sociedades Africanas: Promover as Ciências Sociais na África**. EDIÇÕES PEDAGO, LDA. Rua do /colégio, 83530-184 Mangualde, Portugal, 2013.

GÓMEZ, Santiago Castro, **Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro**. (p.80-87), 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2CCCntZ>. Acesso a 25/07/2018

HOUTONDJI, Pulin J. **conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 149-160. Disponível em: <https://bit.ly/2O0wUys>. Acesso a 06/09/2018

KAJIBANGA, V.; PIMENTA, C. **Epistemologia dos Estudos Africanos**. Comunicação a conferência internacional “conhecimentos endógenos e a construção do futuro em África”. Porto: 2011. Págs. 1-j19

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014

MBEMBE, **O Tempo que se move**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 24, p. 369-397, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2p0soFn>. Acesso a 22/07/2018.

VALDEZ, Eduardo Valdez. **“Como entender a África Sul-saariana e como sair da tragédia (o terceiro terço do século XX)”**. In: o pensamento Africano Sul-Saariano: conexões e paralelos com o pensamento Latino-Americano (um esquema). São Paulo: CLACSO/EDUCAM, 2008.

WIREDU, Kwasi. **Toward Decolonizing African Philosophy and Religion African Studies Quarterly | Volume 1, Issue 4 | 1998**. Disponível em: <https://bit.ly/2Mb71dg>. acesso a 17/01/2018